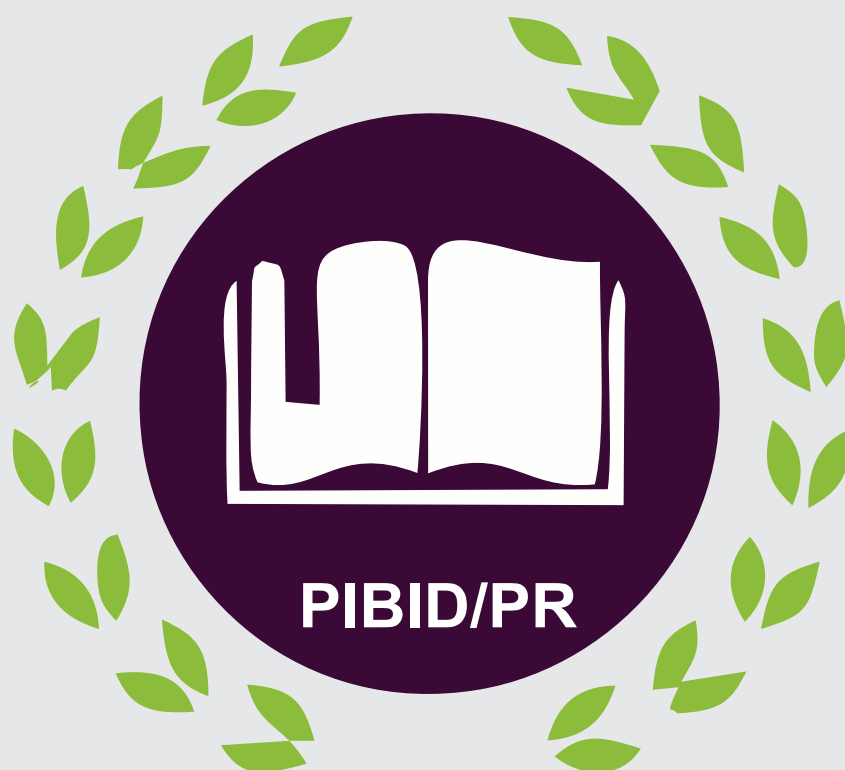


II SEMINÁRIO ESTADUAL PIBID DO PARANÁ

Anais do Evento



Foz do Iguaçu | 23 e 24 | Outubro 2014

ISSN: 2316-8285



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO



UNILA

Universidade Federal
da Integração
Latino-Americana

ESPORTES OLÍMPICOS, PARALÍMPICOS E NÃO-OLÍMPICOS: EXPLORANDO AS POSSIBILIDADES DE PROBLEMATIZAÇÃO DO CONTEÚDO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Rafael Marques França¹
Thiago Pelegrini²
Marcia Furihata³
Matheus Humberto Almeida Lino⁴

Resumo: Este texto tem por objetivo apresentar um relato de experiência de um conteúdo referente ao eixo “O movimento e o esporte”, para alunos de quinto ano de uma escola municipal do município de Londrina/PR. A classificação utilizada para o ensino do tema da diversidade esportiva presente na Proposta Pedagógica da Escola, que tem como orientação as Diretrizes Curriculares Municipais (2011), divide os esportes em olímpicos, paralímpicos e não-olímpicos. Ao tematizar este conteúdo, os alunos puderam compreender a diversidade esportiva presente em nossa sociedade/cultura, o direito de todos ao acesso e a prática esportiva, independentemente de sua condição, a aventura e a radicalidade dos esportes não-olímpicos, por meio de problematizações conceituais e vivências corporais das manifestações esportivas paralímpicas e não-olímpicas.

Palavras-chave: Educação física escolar. Ensino. Diversidade esportiva.

Introdução

A disciplina Educação Física *da e na* escola sempre esteve marcada pelo seu caráter esportivista, pela sua cultura esportiva, sendo a ela atribuída vários papéis no cenário educacional brasileiro (CASTELLANI FILHO, 1988). Pode-se encontrar na literatura da área inúmeras referências que apontam a prevalência do esporte, seja referindo-se a ele como uma corrente/abordagem/tendência teórica-pedagógica, ou como único conhecimento válido a ser praticado/treinado nas aulas de educação física, ou numa metodologia/avaliação que se pautem na *performance esportiva*, decretada legalmente desde 1971. Além disso, a prevalência do esporte na escola, na maior parte das vezes, tem sido destituída de uma problematização que o contextualize como saber significativo e valioso para o estudante.

Já faz um bom tempo que a Educação Física tem procurado, como uma disciplina escolar, sistematizar um corpo de conhecimentos que devem ser tratados pedagogicamente

¹Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Londrina/UEL. Professor de educação física da rede municipal e estadual de Londrina. Professor supervisor do PIBID Educação Física 2014 da Universidade Estadual de Londrina/UEL. Email: wanderf@sercomtel.com.br.

²Doutor em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia/UFU. Professor adjunto do Departamento de Estudos do Movimento Humano. Coordenador do PIBID Educação Física 2014 da Universidade Estadual de Londrina/UEL. Email: prof.thiago.uel@gmail.com.

³Estudante do terceiro ano do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Londrina/UEL. Bolsista do PIBID Educação Física 2014 da Universidade Estadual de Londrina/UEL. Email: marcia_furihata@hotmail.com.

⁴Estudante do primeiro ano do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Londrina/UEL. Bolsista do PIBID Educação Física 2014 da Universidade Estadual de Londrina/UEL. Email: matheushlino@hotmail.com.

por meio de uma linha de pensamento que tematize/problematize as manifestações da cultura corporal, tendo como referência as discussões em torno da área como disciplina acadêmica, autores que destacam as teorias pedagógicas e suas relações (ou não) com o campo educacional ou mesmo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, que instituiu a disciplina como um componente curricular. Para Daolio (1998), os principais personagens pela construção do debate acadêmico na Educação Física brasileira procuraram “desbiologizar” a área, principalmente a partir da década de 80, como Vitor Marinho de Oliveira, Lino Castellani Filho e Celi Taffarel.

Nesse texto, o esporte não é negado como conteúdo a ser problematizado na escola. Defendemos que ele deve ser valorizado e inserido em um processo de ensino-aprendizagem que evidencie as relações entre fazer e compreender, “teorizar” e “praticar”, ressaltando as suas modalidades paralímpicas e não-olímpicas, muitas vezes menosprezadas mediante o cenário olímpico mundial e a tradição de se perpetuar os esportes mais convencionais na escola (vôlei, basquete, futsal, handebol e atletismo).

1021

O ensino da diversidade esportiva na escola: os contextos paralímpico e não-olímpico no ensino fundamental I

A partir da sugestão do evento para os eixos temáticos “Experiências de ensino e aprendizagem: PIBID e a escola” e de todas as discussões introdutórias sobre o esporte na disciplina Educação Física, procuramos relatar mais especificamente como se procedeu o ensino da diversidade esportiva para alunos de quinto ano de uma escola municipal do município de Londrina/PR. Podemos dizer que o ensino do conteúdo foi dividido em três grandes partes. No primeiro momento, foi-se discutido o conceito de esporte, tendo como referência uma definição já construída com os alunos durante o quarto ano de escolarização, a partir das diferenças existentes entre “jogo” e “esporte”. Logo após, foi estabelecida a classificação dos esportes em olímpicos, paralímpicos e não-olímpicos, evidenciando a diversidade esportiva não somente dentro de cada contexto, mas entre os três contextos, correlacionando-os na medida do possível. As problematizações aconteceram no sentido de conceituar o que seria paralímpico e não-olímpico, as modalidades que poderiam exemplificar os esportes olímpicos (já que haviam estudado os Olympic Pictograms de Londres/2012) e, uma vez caracterizado os termos “paralímpico” e “não-olímpico”, as modalidades que poderiam pertencer a um ou outro contexto, partindo do que já conheciam.

No segundo momento, o tema dos esportes paralímpicos foi tratado pedagogicamente nas aulas de Educação Física. Para abordar a diversidade esportiva paralímpica, antes se fez necessária uma introdução a temática das deficiências. Os alunos foram relatando inúmeras deficiências que foram sendo escritas no quadro, a partir das discussões e reflexões dos termos errados e/ou inadequados, que, muitas vezes, são expressão de nossos preconceitos e discriminações. Várias questões foram lançadas e exemplos foram dados para que pudessem traçar um panorama geral das principais deficiências humanas. Porém, nos concentramos nas seguintes deficiências: amputação/AM, paraplegia/PP, paralisia cerebral/PC e visual/VI. Depois de explicadas essas categorias, os alunos foram divididos em quatro equipes para que adivinhassem o nome dos esportes paralímpicos e as deficiências dos atletas, atividade que foi denominada de “Jogo dos 23 Paralympic Pictograms”.

Retirados do site oficial da próxima olimpíada e parolimpíada Rio/2016, os pictogramas foram aumentados, impressos e plastificados e, colocados em uma mesa de ponta-cabeça, para que os alunos não vissem a imagem em si. As equipes sorteavam um desenho para que falassem o nome do esporte, seguido da deficiência do atleta. Algumas dicas eram dadas aos alunos para que conseguissem chegar ao nome correto e completo do esporte, na medida em que alguns esportes eram desconhecidos e outros têm nome diferente de sua versão olímpica.

1022





Para que os alunos pudessem compreender a diversidade esportiva paralímpica, a modalidade “Voleibol Sentado” foi selecionada para que os alunos vivenciassem a situação de praticar/jogar um esporte simulando um tipo de deficiência, no caso, amputados de um ou dois membros inferiores do corpo. Foram explicadas as regras principais da modalidade (as que tinham semelhança e diferença do voleibol olímpico) e feitas as adaptações necessárias a prática do esporte, como a substituição da rede pelos bancos suecos, o tamanho da quadra feito de corda ou de giz, o sistema de rodízio quando não se tinha seis jogadores em quadra e a quantidade de pontos por set, que, no caso, foi até 10, pelo pouco tempo de aula.

No terceiro momento, o tema dos esportes não-olímpicos foi tratado pedagogicamente nas aulas de Educação Física. Como os alunos já tinham caracterizado esta categoria como esportes radicais, num primeiro momento eles foram questionados quanto ao conceito, tendo como referência os outros dois contextos: o que diferencia os esportes radicais dos outros esportes? Depois de sistematizadas essas informações, atribuindo aos esportes não-olímpicos várias terminologias como radicais, de natureza, de aventura, de ação, etc, a classificação adotada para o estudo foi de acordo com o ambiente em que ele é praticado, isto é, terra, água ou ar.

Os alunos foram relatando aqueles que eles conheciam e os alocando em uma das três colunas (terra-água-ar). Como o assunto é um pouco desconhecido, principalmente quanto aos nomes de alguns esportes, adotamos exemplos de Uvinha (2001). Em seguida, foi entregue aos alunos uma atividade com doze imagens de esportes radicais e eles tiveram que, em primeiro lugar, caracterizá-los de acordo com o lugar em que se faz o esporte e, em segundo lugar, fazer uma tabela com o nome dos esportes.

Para que os alunos pudessem compreender a diversidade esportiva não-olímpica não somente de forma “teórica”, por assim dizer, a modalidade “Slackline” foi selecionada para que os alunos vivenciassem a situação de praticar um esporte de ação com maior risco de grau físico. Santos et al (2014) relaciona alguns esportes de aventura possíveis de serem feitos na escola: escalada, parkour, rapel, tirolesa, slackline, orientação, nós e amarrações. No pátio da escola foram instaladas três *slacklines* em forma triangular, a mais ou menos trinta

centímetros do solo. Os alunos foram divididos em duplas e tentaram realizar os movimentos básicos de caminhar sob a fita, sentar e elevar-se, saltar da fita, sempre um ajudando o outro. Depois, a bolsista do PIBID fez uma apresentação de como seria a realização desses movimentos sem ajuda.

Conclusão

Todo o processo de ensino e de aprendizagem sobre os esportes olímpicos, paralímpicos e não-olímpicos permitiu aos alunos inúmeras reflexões e discussões sobre a possibilidade e a amplitude da prática de esportes por diversas pessoas, independentemente de sua condição e do local onde se pratica, revelando que todos podem e devem se envolver com esta manifestação corporal. Apesar de ser caracterizado por seu caráter competitivo, ele pode ser explorado e problematizado na escola de diversas formas, sem ter como pré-requisito a *performance esportiva*, o desempenho físico.

Ao simular as restrições impostas pela deficiência na prática do Voleibol Sentado e ao caminhar pela Slackline, os alunos puderam experimentar novas sensações e elaborar novas estratégias para resolver os problemas propostos pelo professor. Além disto, obviamente participaram como protagonistas na construção/produção do conhecimento referente a esta temática, ensinada de forma inovadora.

1024

Referências

CASTELLANI FILHO, L. **Educação física no Brasil: a história que não se conta**. 8 ed. Campinas, SP: Papyrus, 1988.

DAOLIO, J. **Educação física brasileira: autores e atores da década de 1980**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

ESPORTES PARALÍMPICOS RIO 2016. Disponível em: <<http://www.rio2016.com/os-jogos/esportes/paralimpico>>. Acesso em: 15 ago 2014.

ESPORTES RADICAIS cliparts. Disponível em: <http://pt.clipartlogo.com/premium/detail/extreme-sports-collection-vector_121402213.html>. Acesso em: 15 ago 2014.

SANTOS, J. P. et al. Esportes e atividades de aventura como conteúdo das aulas de educação física. **EFDeportes.com Revista Digital**, Buenos Aires, ano 18, n. 190, mar 2014. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em 15 ago 2014.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares Municipais**. Londrina, PR: Secretaria de Educação, 2011.

UVINHA, R. R. **Juventude, lazer e esportes radicais**. Barueri/SP: Manole, 2001.